

Avaliação de estilos de personalidade segundo a proposta de Theodore Millon

João Carlos Alchieri

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Clarissa Socal Cervo

Janaína Castro Núñez

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

RESUMO

Theodore Millon desenvolveu uma teoria de aprendizagem biopsicossocial e de personalidade patológica, por meio do estabelecimento de categorias da personalidade através de deduções formais. Este artigo discute os principais pontos da teoria de Millon sobre Personalidade, já que seu modelo conjuga teoria com avaliação e intervenção, o que implica a relevância para a investigação científica integrada na clínica psicológica. A teoria de Millon observa outras áreas do conhecimento, complementares a Psicologia, o que reforça a noção de ser humano enquanto sistema, integrado por subsistemas (biológico, psicológico, social e cultural), em um contexto de interação permanente.

Palavras-chave: Millon; avaliação da personalidade; estilos de personalidade.

ABSTRACT

Millon's factorial theory of personality styles

Theodore Millon developed a learning *biopsicossocial's* theory and pathology personality's theory, by means of the personality categories establishment through formal deductions. This article aims the main points of the Millon's Personality theory, joining the model's theory with assessment and intervention, extending the scientific investigation relevance in the psychological clinic. Millon's theory observe different theoretical models of knowledge's area complementary to the Psychology, this reinforce the notion of human being while a system, integrated for subsystems (biological, psychological, social and cultural) in a permanent interaction context.

Key words: Theodore Millon; personality assessment; personality styles.

INTRODUÇÃO

Um dos conceitos mais antigos e representativos da Psicologia enquanto ciência é o de personalidade, por meio do qual reside a compreensão das ações do comportamento humano. A evolução das idéias e concepções associadas aos comportamentos humanos, e suas variações, marca os diferentes estágios e desenvolvimentos da Psicologia, especialmente, no último século. A personalidade permite entender aquilo que distingue as pessoas entre si nas suas diversas preferências e ações e o que lhes é singular. Define e representa as pessoas em seus comportamentos, sentimentos, atos e escolhas, contemplando aspectos comuns em relação aos demais membros de sua cultura. Nessa dualidade, do próprio e do genérico, diferentes teo-

rias em distintos momentos históricos apresentaram contribuições, caracterizando uma ou outra acepção teórica, com movimentos cíclicos de antagonismo e desenvolvimento, numa alternância constante pela busca de uma compreensão do comportamento humano.

MODELO DE ESTILOS DE PERSONALIDADE DE MILLON

Theodore Millon desenvolveu uma teoria de aprendizagem biopsicossocial e de patologia de personalidade, por meio do estabelecimento de categorias da personalidade através de deduções formais (Aiken, 1997). Para tanto, incorporou idéias de diferentes modelos teóricos da personalidade e da psicologia em

sistema integrado pelos planos biológico, psicológico, social e cultural, em permanente interação.

O modelo, resultado de uma combinação de constructos desenvolvidos a partir de diferentes escolas psicológicas, expressa tanto os princípios da aprendizagem característicos dos modelos comportamentais, como os conceitos psicanalíticos, sob uma base de substrato neurobiológico do comportamento. É uma tentativa de conciliação das diversas perspectivas psicológicas, sendo que, mais recentemente, incluiu alguns aspectos pontuais da teoria evolucionista. Esse conjunto de referências conceituais caracteriza a teoria de Millon como uma rica perspectiva integradora (Lopez, 2000). O modelo de Estilos de Personalidade de Millon conjuga teoria com avaliação e intervenção, o que amplia sobremaneira a relevância para a investigação científica integrada na clínica psicológica.

O interesse de Millon em categorias tipológicas provém dos anos 70, quando de suas colaborações nas distintas revisões do DSM (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, APA 1994), especialmente quanto aos transtornos de personalidade do eixo II. Na década de 70, Millon e colaboradores desenvolveram uma escala de personalidade denominada Inventário de Personalidade de Millon, para avaliação de características e traços de personalidade normal e patológica. Esse inventário apresentou-se pouco utilizado por parte da comunidade científica e foi suplantado por outros instrumentos, como o *Millon Adolescent Clinical Inventory (MACI)* e o *Millon Behavioral Health Inventory (MBHI)* desenvolvidos especificamente para avaliação psicopatológica.

A idéia central de uma avaliação de aspectos normais da personalidade se manteve e, em uma publicação, na década de 80, sobre comportamento normal, Millon expôs a noção de continuidade dos aspectos representativos da normalidade e da patologia através de polaridades conceituais. Já nos anos 90, a representação de estilos de personalidade se faz presente em seu trabalho com a edição de um artigo sobre a elaboração de um inventário, o *Personality Adjective Check List (PACL)*, onde, através de estudos empíricos, se evidencia a equivalência e a similitude dos estilos de personalidade com as desordens de personalidade. Desenvolveu, mais tarde, as bases de um enfoque dimensional da personalidade normal, onde se observa a presença dos estilos de personalidade ajustados afastados do domínio psicopatológico, culminando, assim, na elaboração do *Millon Index Personality Styles (MIPS)*.

A concepção de estilos de personalidade, como forma de interação do organismo com o meio é representada como analogia ao sistema imunológico, no plano psicológico. Os estilos de personalidade, para

Millon, são resultados das experiências de aprendizagem que se desenvolvem em contextos familiares e escolares, assim como uma série de eventos vitais presentes desde o nascimento. Quando essas condutas se mostram insuficientes para dar conta da adaptação do indivíduo, podem levar à expressão de ações desadaptadas, patogênicas, conforme três modos (Kirchner, Torres e Forns, 1998):

- o sujeito exposto à situação ansiogênica que não dispõe ainda de capacidades ajustadas, adaptadas (maduras) para enfrentá-la, porque são frágeis seus sentimentos de segurança e controle. A persistência neste tipo de conduta, pode gerar a estruturação de estratégias defensivas globais que impedem uma forma sadia de desenvolvimento;
- condições emocionalmente neutras que promovem a aprendizagem de formas de condutas não adaptativas, que, por sua vez, ensinam ou reforçam estilos de comportamentos pouco adaptados ao ambiente;
- experiências insuficientes, na falta de estimulação adequada, que irá produzir déficit de aprendizagem de condutas mais adaptativas em termos de competências básicas.

As aprendizagens realizadas nas etapas iniciais do desenvolvimento podem ser analisadas em função de sua frequência, intensidade e sensibilidade biológica. As experiências mais precoces afetam as subseqüentes e tendem a repetir-se e fixar seu próprio ritmo de ocorrência. Para Millon, existem quatro fatores, inter-relacionados, que afetam um desenvolvimento adaptativo de personalidade:

- *resistência à extinção* – em geral, os comportamentos aprendidos tendem a permanecer, salvo aqueles que se originem de situações que possibilitem e requeiram uma nova aprendizagem.
- *reforçamento social* – alguns aspectos dos vínculos familiares, ou mesmo a ausência deles, podem reforçar o que foi aprendido. Millon descreve como os três tipos básicos de influências ao desenvolvimento da personalidade a repetição de um mesmo tipo de experiência, o reforçamento recíproco de condutas e a existência de estereótipos que atuam como comportamentos infantis;
- *necessidade de permanência* – mesmo que certas experiências nunca se repitam, podem deixar marcas, entendidas, do ponto de vista fisiológico, como alterações neuroquímicas, ou como processo psicológico na forma de vestígios de memória, muitas vezes, inconscientes. Millon cita quatro processos psicológicos que

tornam possível a perpetuação ou a permanência de experiências: (a) a repressão, que tem efeitos protetores; (b) as distorções perceptivas e cognitivas; (c) a generalização cognitiva; e (d) a compulsão a repetição, onde o sujeito recria situações passadas que não puderam ser resolvidas ou geraram frustração;

- *influências socioculturais* – os contextos sociais e culturais, através de seus valores, são aspectos importantes e inalienáveis nos estilos de personalidade pela sua presença constante no desenvolvimento psicológico.

Segundo Widiger (1999) dois pontos são relevantes para a compreensão do modelo de Millon, o conceito de personalidade e a diferenciação entre personalidade normal e patológica, bem como suas estratégias de afronta e organização de polaridades.

A personalidade corresponde a um padrão de funcionamento, uma forma intrínseca de agir, que resulta de uma matriz de variáveis determinadas pelo desenvolvimento biopsicológico. O desenvolvimento da personalidade recebe a influência dos fatores biológicos e dos fatores psicológicos, que passam a interagir como em uma espiral sem fim, onde cada giro desta se constrói sobre as interações prévias, criando, assim, novas bases para as próximas interações.

Destaca Millon (1979) que no desenvolvimento, a criança traz uma carga genética que molda seu desenvolvimento físico e psicológico. Devido a essa herança, o indivíduo está geneticamente predisposto a se comportar, sentir e ter inteligência similar a seus genitores. Dentre os fatores psicológicos, Millon reforça o valor que a estimulação inicial na criança tem sobre os processos de maturação e desenvolvimento neuropsicológico, tendo em vista a grande plasticidade do substrato biológico (Casullo, 2000).

A idéia de um período sensível é próxima ao conceito de período crítico, trabalhado por etólogos e psicólogos evolucionistas, definidos como momentos próprios para o aprendizado de determinados processos psicológicos. Nesses períodos, a probabilidade de o aprendizado ocorrer é maior se a estimulação necessária se produzir entre as margens do período sensível (Kirchner, Torres e Forns, 1998). Cada estágio neuropsicológico irá refletir trocas entre o aparato biológico do indivíduo e suas vivências, e essas transações fundamentarão o estágio seguinte. Caso as interações sejam deficientes ou distorcidas em um dos estágios, os demais serão afetados, pois se encontrarão sustentados por uma base deficiente (Millon, 1979).

Para Millon o sujeito pode desenvolver reações adaptativas mesmo frente às situações traumáticas, em função das aprendizagens anteriormente demonstra-

das. Postula que a ação adaptativa é baseada em formas flexíveis de reagir frente à diversidade das situações decorrentes da aprendizagem de atitudes interpessoais (como a autoconfiança, a identidade, etc.) e da aprendizagem de estratégias de enfrentamento. Assim sendo, é a partir do tipo e da fonte de reforços utilizados pelo sujeito que se irão constituir e definir os padrões denominados de estilos de personalidade.

Contrapondo os indicativos adaptativos, sinais de um padrão de personalidade patológico podem ser caracterizados nas seguintes circunstâncias: quando há escassa flexibilidade para adaptação às situações diversificadas, no emprego de estratégias com pouca diversidade ou rígidas, na baixa resistência a estressores, no freqüente anseio para modificar as condições do meio, na utilização de círculos comportamentais onde o sujeito tende a manter alguns recursos, tais como, restrições interpessoais (afastamento frente às pessoas desconhecidas), distorções percepto/cognitivas (interpretação equivocada sobre o outro), generalização de determinados comportamentos e compulsão repetitiva (ação repetida sem conseguir alcançar seus objetivos). Tais comportamentos restringem e impedem a aquisição de novas experiências, empobrecendo significativamente a capacidade de reação frente a diferentes situações com o meio (Choca, 1999).

A diferença entre os conceitos de normalidade e patologia reside na maneira diferente e mais ou menos estável da capacidade demonstrada pelo sujeito para enfrentar eficazmente as situações no seu meio (Kirchner, Torres e Forns, 1998).

Casullo (2000), refere que as necessidades (tarefas) evolutivas impostas pelo meio acarretam um estilo de funcionamento mais adaptativo, se devidamente ultrapassadas e atendidas pelo indivíduo na medida em que se organiza por meio delas. A primeira tarefa evolutiva proposta corresponde às metas da existência, que estão centradas no dilema ser ou não ser, onde a existência está pautada nas capacidades vitais e na participação em um ecossistema que possibilite o crescimento e o desenvolvimento do organismo.

Conforme Kirchner, Torres e Forns (1998), os indivíduos tendem a evoluir desde um estado precário, em que há uma ínfima organização, até obterem um alto grau de organização e de defesa frente às agressões do exterior. Esse princípio define o quanto o indivíduo está buscando uma melhor qualidade de vida.

Em uma tarefa posterior, estão os modos de adaptação, que, segundo Casullo (2000), representam a necessidade do sujeito em acomodar-se ao meio em que vive. Essa adaptação pode ser realizada de uma forma passiva, em que o indivíduo procura abrigo, proteção

e segurança, ou de forma ativa, em que ele busca adaptar o ambiente às suas necessidades pessoais. Um funcionamento psicológico normal é representado pela manifestação de equilíbrio entre a atividade e passividade.

Millon (1997) referencia as estratégias de auto-preservação *versus* cuidado com os outros, como uma terceira etapa evolutiva. De acordo com Krinchner, Torres e Forns (1998), a estratégia de replicação está vinculada com os estilos de reprodução que maximizam a diversificação e a seleção de atributos ecológicos benéficos à espécie. Para Casullo (2000), as estratégias de replicação variam conforme o tamanho da prole, o sexo e, principalmente, nos seres humanos, pela cultura em que estão inseridos. Relacionam-se também com a puberdade, fase em que ocorre a formação da identidade, desenvolvendo, através de experiências, um estilo de personalidade mais voltado ao cuidado dos outros, com um maior compromisso social, ou de si mesmo, buscando uma realização pessoal. Assim, se estrutura a primeira área da personalidade, denominada Metas Motivacionais.

Além das Metas Motivacionais, o modelo de personalidade de Millon (1994) ainda contempla duas outras áreas, os Modos Cognitivos e as Relações Interpessoais.

A Tabela 1 apresenta, de forma sucinta, os três agrupamentos e a respectiva organização dos fatores no modelo de estilos de personalidade de Millon.

TABELA 1

Fatores dos estilos de personalidade e suas respectivas áreas de expressão

<i>Metas Motivacionais</i>	<i>Modos Cognitivos</i>	<i>Relações Interpessoais</i>
Abertura	Extroversão	Retraimento
Preservação	Introversão	Comunicatividade
Modificação	Sensação	Dúvida
Acomodação	Intuição	Segurança
Individualismo	Reflexão	Discrepância
Proteção	Afetividade	Conformismo
	Sistematização	Submissão
	Inovação	Controle
		Insatisfação
		Concordância

Os Modos Cognitivos estão fundamentados na perspectiva evolucionista e nas contribuições de autores como Jung e Meyers. Eles se referem à forma como os organismos se orientam perante o meio e visam avaliar os estilos ou maneiras de processamento da informação aliados à proposta de três modelos junguianos

(extroversão *versus* introversão, sentimento *versus* pensamento e sensação *versus* intuição).

Millon (1994) elabora um modelo que agrupa as atividades cognitivas tendo em conta duas funções superiores: uma relacionada com a origem dos dados recolhidos (fonte de informação), e a outra, aos métodos utilizados pelo sujeito para reconstruir esses dados (processos de transformação). Ambas são divididas em duas polaridades. As fontes de informação subdividiram-se em internas *versus* externas e tangíveis *versus* intangíveis; e os processos de transformação, em intelectivos *versus* afetivos e assimilativos *versus* imaginativos. As polaridades representativas definitivas são: extravertido *versus* introvertido, sensitivo *versus* intuitivo, reflexivo *versus* afetivo e sistematizador *versus* inovador (Millon, 1994).

Por fim, as Relações Interpessoais relacionam-se com as contribuições dos trabalhos desenvolvidos por Sullivan e Leary e, adicionalmente, ao modelo dos Cinco Grandes Fatores (*Big Five*). Entretanto, tanto o enfoque interpessoal de Sullivan, quanto a fundamentação dos Cinco Grandes Fatores, mostram-se orientados para os traços de conduta, ou seja, para as características das ações, a motivação, e como estas se processam cognitivamente. Lopez (2000) observa que Millon se propõe a abordar um componente interpessoal pretendendo avaliar o estilo de relação do sujeito com os demais com as seguintes polaridades: retraimento *versus* comunicatividade, dúvida *versus* segurança, discrepância *versus* conformidade, controle *versus* submissão e concordância *versus* insatisfação.

CONCLUSÃO

O conceito de estilos de personalidade para Millon (1996) está amparado numa organização holística de necessidades, motivos, mecanismos, traços, defesas que pode ser compreendido como sendo partes que a integram.

Sua proposta representa a idéia de personalidade como sendo uma entidade com coerência, não somente mera construção teórica, podendo ser entendida como uma forma, estilo de funcionamento adaptativo que um organismo exibe em seus vínculos nos diversos contextos de expressão. O bojo da teoria proposta por Millon, toma diferentes modelos teóricos de disciplinas complementares à Psicologia o que reforça a noção de ser humano, enquanto sistema, integrado por subsistemas (biológico, psicológico, social e cultural), em um contexto de interação permanente. Contempla ainda a importância de diversos fatores representados em uma matriz única, específica para cada sujeito, da mesma forma que integra aspectos nomotéticos e idiográficos. Nesse sentido, a teoria de Millon sobre

estilos de personalidade pode ser descrita como sendo uma teoria de personalidade com uma perspectiva sistematizadora dos conhecimentos até agora obtidos pela psicologia.

REFERÊNCIAS

- Aiken, L. R. (1997). MIPS: Millon Index of Personality Styles. *Journal of Psychoeducational Assessment*, 15, 4, 380-382.
- Alchieri, J. C. (2004). Modelo dos Estilos de Personalidade de Millon: adaptação do Inventário Millon de Estilos de Personalidade. [Tese de Doutorado, não-publicada]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Casullo, M. M. (2000). Concepciones teóricas de Theodore Millon acerca de los estilos de personalidad. In Lopez & Casullo (Org.). *Estilos de personalidad: una perspectiva Iberoamericana* (pp. 23-34). Buenos Aires: Mino y Davila.
- Choca, J. P. (1999). Evolution of Millon's personality prototypes. *Journal of Personality Assessment*, 72, 3, 353-364.
- Kirchner, T., Torres, M. & Forns, M. (1998). El modelo de polaridad de Millon. In *Evaluacion Psicológica: modelos y técnicas*. Buenos Aires: Ed. Paidós.
- Korotkov, T. & Hannah, E. (2004). The five-factor model of personality: strengths and limitations in predicting health status, sick-role and illness behaviour. *Personality and Individual Differences* 36, 187-199.
- Millon, T. (1994). *Millon Clinical Multiaxial Inventory – III manual*. Minneapolis: Dicandrien Inc.
- Millon, T. (1996). On the renaissance of personality assessment and personality theory. *Journal of Personality Assessment*, 48, 5, 450-466.
- Millon, T., Weiss, L, Millon, C. & Davis, R. (1994). *Millon Index of Personality Styles – manual*. San Antonio, TX: The Psychological Corporation.
- Millon, Theodore (1979). Uma abordagem através da Aprendizagem Biossocial. In *Teorias da psicopatologia e personalidade* (p. 332-339). Rio de Janeiro: Editora Interamericana.
- Sánchez López, M. (2000). El Mips (Millon Index of Personality Styles), como medida de los estilos de personalidad. In *Estilos de personalidad: una perspectiva iberoamericana* (p. 35-44). Madrid: Universidad Complutense de Madrid.
- Widiger, T. A. (1999). Millon's dimensional polarities. *Journal of Personality Assessment*, 72, 3, 365-389.

Recebido em: 23/06/2004. Aceito em: 26/11/2004.

Autores:

João Carlos Alchieri – Psicólogo e Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).
 Clarissa Social Cervo – Psicóloga e Professora da Universidade do Vale do Sinos (UNISINOS).
 Janaina Castro Núñez – Universidade do Vale do Sinos (UNISINOS).